COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL
– O CORPO E A EXPERIÊNCIA INSONDÁVEL –

Bruna Cardoso de Oliveira[1]

Resumo
Este trabalho traz à tona a reflexão sobre à experiência do corpo e seus ecos insondáveis na vivência do ser. A partir desta perspectiva desdobra-se de fato, o pensamento sobre a importância fundamental em retomar a experiência da presença e do encontro; a experiência da incompreensão e do mistério. Apresenta-se a possibilidade da Comunicação do Sensível, como a comunicação consequência destas possibilidades. A metodologia utilizada se baseia na reflexão, no ruminar da experiência, na busca ontológica e epistemológica de uma noção que compreende o pensamento a cerca de percepções primordiais para a vivência quotidiana. Serão convidados ao diálogo autores como Heráclito, Heidegger e Kamper.

Palavras-chave: Comunicação do Sensível. Corpo. Insondável. Kamper. Heráclito.

Introdução

"Como alguém escaparia do que nunca se põe?"[2]

Poderíamos nós escapar à fatídica constatação da presença do outro e em consequência da nossa própria presença? A Comunicação nos obriga ao confronto, experiência esta que pode nos levar ao caminho de volta ao que somos, que não será o mesmo caminho que nos levou a ir para o virtual, para a imagem, para o que não está. Neste artigo trabalharemos com as noções de corpo levantadas por Kamper e da experiência do Insondável para pensarmos sobre uma Comunicação do Sensível. Faremos aqui um exercício de reflexão sobre o papel que ocupamos dentro da experiência da vida. Vamos por parte, ao pensarmos o corpo relembraremos a importância da presença e de suas marcas em nosso percurso. São essas marcas as responsáveis pelas possibilidades de encontro, de troca, do confronto.

Após o olhar cuidadoso sobre a carne deste corpo que nos sustenta, caminharemos para a experiência insondável que se baseia nas vivências incomunicáveis que sentimos, das

[1] Mestranda da Instituição Universidade Católica de Brasília e pesquisador (a) do Grupo de Pesquisa POMBAGIRA - Matrizes do Feminino na Comunicação. E-mail: brunacarolli@gmail.com.
[2] Fragmento XVI – HERÁCLITO, 2012, p.131

experiências que inexplicáveis e incalculáveis que passamos pelo caminho. Essas experiências são vivenciadas pelo corpo, guardadas por ele e estão além de qualquer forma lógica ou racional de expressão, de medida, de finitude. A experiência insondável é única e extremamente valiosa. A Comunicação do Sensível se esconde nessa fresta. Neste instante subjetivo e extremamente individual, o corpo e sua vivência da experiência do insondável.

Para construirmos esta reflexão, usaremos uma metodologia de vaca, ruminante. Onde as noções e as palavras serão mastigadas, mastigadas e mastigadas. Serão saboreadas e a seu tempo devidamente engolidas e apropriadas, até que se transformem em outra coisa. Junto a ela nos aproximaremos, também, de uma busca ontológica pelo lugar do corpo e de uma busca epistemológica pela possibilidade da Comunicação do Sensível. Para tanto conversaremos com Heráclito, Platão, Heidegger e Kamper.

O Corpo

Corpo, matéria inegável do tempo, certeza de início e fim, ciclo completo. Enveredarmos pela reflexão sobre o corpo é enveredarmos pela busca do ser, por sua origem e por sua compreensão lógica. É voltarmos a enxergar a sutileza das pistas, dos rastros, das vivências, dos sentidos. É pensarmos o lugar de todas elas, o lugar fundamental da experiência. Dietmar Kamper, antes de morrer, nos apresentou seus pensamentos a respeito da importância primordial de voltarmos à experiência do corpo. Por ele corpo construímos o próprio pensamento, nossa inalienável ação de comunicar. Ato imbricado em nossa essência, em nossa natureza, em nossa carne pertencente ao mundo.

> Pensamento-corpo significa trabalhar sem-chão, perceber o evento a partir de todos os lados e efetivá-lo numa singular existência-inexistência. Pensamento corpo é como rir e chorar, comer e beber, andar, êxtase, como alergia e idiossincrasia, teatro inconsciente, como o inconsciente, como a pequena morte ou o sexo extenuante. Pensamento-corpo funciona como máquina desejante (Deleuze/Guattari). Pensamento-corpo é antes de tudo um padecimento, uma paixão, uma subversão da distância; além disso é constatação dos meios virtuais da virtuosidade do experiente espírito do presente. Pensamento-corpo não é nenhuma sensualidade militarizada e tampouco alternativa a qualquer autoafirmação

> intelectual que, a cada momento, traz somente a si própria à baila. Pensamento-corpo é a forma corrente do começo sob a insuportabilidade das condições sociais. Pensamento-corpo não é apoteose do início. Ao contrário, começa do abismo e assegura-se de maneira a manter abertas as sentenças inerentes ao homem. O corpo é e continua corpo fragmentado. O corpo como inteiro seria uma imagem. Pensamento-corpo, por sua vez, é a-imagético, sem imagem; ele bombardeia o declínio do outro e da realidade. Pensamento-corpo é a insistência do real sob as condições da imanência imaginária, o que é uma forma muito rara da incondicionalidade. (KAMPER, prelo, p. 223)

Pensamento-corpo, trabalhar "sem-chão", experiências que nos deslocam da técnica, da tecnologia e nos lançam para as profundezas insondáveis, para as incertezas de um caminho individual e subjetivo. O procedimento não dá conta da variedade da experiência, não dá conta da incompreensibilidade das sensações, dos humores, das crenças, das poesias, dos mitos. O corpo acolhe essa variedade como morada na beira do caminho, morada-passagem, casa sem teto, aberta e mesmo assim casa. O corpo acolhe essas experiências como parte constituinte dele próprio, parte mantenedora de sua própria carne. Essa pertença nos mostra cotidianamente a necessidade em sermos matéria, de sermos tempo presente, capaz de suportar e estar aberto ao inexplicável, ao invisível, ao insondável que acontece dentro de nós.

Kamper nos sugere rastros a serem percebidos, indícios onde o corpo consegue se reencontrar e tomar de volta sua experiência própria, reviravolta no sentido, reencontro com o inexplicável, possibilidade para um caminho. Isso nos remete a Heidegger quando este nos diz:

> Há ainda muitos caminhos do campo ainda desconhecidos. Contudo, a cada pensante, está atribuído, em cada caso, apenas um caminho, que é o seu, em cujos rastros tem sempre de voltar a ir e vir, para finalmente o reter como seu, mas sem que nunca lhe pertença, e para dizer o que nesse caminho é experimentável (HEIDEGGER, 2002, p.245).

Quando Heidegger nos fala dos rastros, nos diz dos nossos próprios rastros, marcas de quem foi e veio, e tornou a ir e a vir, rastros que nos dizem uma pertença de um caminho sem-chão, uma pertença que nunca nos pertence e talvez, exatamente por isso, somente aí o corpo-

morada estará aberto para alcançar a experiência que lhe é cabida. Essa pode ser a experiência deste corpo pensada como verdade enquanto totalidade. Simplesmente porque o corpo está vivo como habitante de um lugar. A experiência da verdade do corpo enquanto totalidade não é a posse do corpo ou de seu pensamento, é uma possibilidade de abertura rastreável pelos instantes que o ser alcança de seu espírito, de sua contraparte invisível e sutil.

Harry Pross, (apud BAITELLO, 2005, p.62), já falava que todo processo comunicativo inicia e finda no corpo. Este corpo se torna infinito ao momento que se transforma ele mesmo em um círculo, onde não saberíamos determinar o ponto exato de início e fim. É este o corpo que recebe o inexplicável. É ele quem passeia pelos mistérios do IN- visível, do IN- sondável, do IN- dizível, do IN- finito, do IN- ominável; quem percebe antes de tudo a completa falta de resposta para o que estamos sentindo.

Comunicar é o resultado de um confronto, de uma violência, de uma inundação no outro; é a vívida experiência da presença de dois corpos. Mas qual o lugar do Corpo na Comunicação e na nossa existência enquanto ser? Acostumam-nos com a não presença, com a experiência que a ausência constrói, como se alcançássemos um marco zero, uma abstração absoluta.

> O lento e custoso desenvolvimento da humanidade pode ser considerado um recuo gradual e um crescente afastamento do mundo da vida (Lebenswelt). Com o primeiro passo em retrocesso do mundo da vida – partindo do contexto das coisas inerentes ao homem – tornamo-nos manufatureiros (Be-handlern) e a práxis que dali deriva é a produção de instrumentos. Com o segundo passo para trás – desta vez, a partir da tridimensionalidade das coisas manufaturadas – tornamo-nos observadores e a práxis que dali deriva é a de fazer imagens. Com o terceiro passo para trás – desta vez, a partir da bidimensionalidade da imaginação – passamos a descrever e a práxis que dali deriva é a produção de textos. No quarto passo para trás – desta vez, a partir da unidimensionalidade da escrita alfabética – viramos calculadores e a práxis que dali deriva é a técnica moderna. Esse quarto passo em direção à total abstração – a nulodimensionalidade – foi implantada pelo Renascimento e hoje encontra-se concluída. Um próximo passo para trás não é realizável: menos do que nada não existe. Partindo disso, por assim dizer, fazemos a volta em 180 graus e recomeçamos novos passos para trás, lentamente e com dificuldade, em direção ao concreto (do mundo da vida). Da nova práxis da computação e da projeção em pontos, para

> linhas, planos, corpos e corpos que nos dizem respeito. (FLUSSER apud KAMPER, prelo, p.31)

Compreendamos aqui que a nulodimensionalidade nada tem a ver com o Nada existencial. "Menos do que nada não existe", aí está a não presença, a anestesia do corpo e de suas experiências, a anestesia do confronto, do movimento, da fluidez. Este é o lugar em que o corpo não consegue ser nem mesmo carne, nem mesmo matéria, lugar onde a morte não existe, o corpo não tem direito de morrer ou sequer de viver, lugar onde tudo deve ser para sempre; parado, estático, documentado, sem sentidos e sensações. "Chegamos literalmente ao nada, à nulodimensão do pensamento digital, foi um longo caminho. Precisamos caminhá-lo de volta: até o mundo do corpo, no qual podemos ser corpos de corpos" (FLUSSER apud KAMPER, prelo, p.32).

Como escaparíamos da essência do ser? Da materialidade da carne? Da presença do outro? Dos rastros de nossos caminhos? Como podemos permitir nos afogar na nulodimensionalidade? Estamos envoltos pela experiência, esta possibilidade nos pertence, assim como nossos corpos e todas as suas partes. Isso nos diz respeito. Nem sempre alcançaremos respostas, claras, objetivas, lógicas; ou ainda, sistemas e estruturas para nossas experiências. Nem sempre sanaremos a necessidade de controle, de simplificação que estamos acostumados a requerer de cada momento, de cada instante. Mas mesmo assim e talvez por isso, estaremos na volta ao corpo.

> A falta de respostas do universo: seria este um tema digno de ser posto na internet? Sobre como ela há tempos inspira as ciências avançadas? Durante o século 20, a auto-referencialidade do espírito humano caiu numa prisão de imagens, padrões e signos da qual não existe saída. Isso não foi impedido pelos aparelhos, mas por eles realizado. Os bilhões de computadores são o lugar onde a própria imponência humana experimenta seu *schibboleth*. (KAMPER, prelo, p.25)

Schibboleth, segundo explicação de nota da tradutora, é uma palavra de origem hebraica que serviu para "distinguir fugitivos e consequentemente condená-los". Kamper nos coloca a par sobre a condição humana de condenados, por termos construído nossa própria prisão ao redor do corpo, a redoma que nos impossibilita de tocar o outro e a nós mesmos.

"Isso não foi impedido pelos aparelhos, mas por eles realizado". O virtual nos trouxe a ausência indubitável do corpo. E concordamos com isso. Mas a máquina não dá conta da falta de respostas. Do inexato, do indecifrável. É nesta observação que reside a proposta da volta.

Com o pensamento trazido por Kamper, compreendemos que nos tornamos condenados pelo caminho e pelas escolhas que fizemos em relação à prisão do espírito humano e de seu corpo. Tentamos sair dessa redoma que castra a experiência de construção da nossa identidade e da vivência com o outro. Justamente, porque escolhemos paulatinamente sermos máquinas. Devemos ter o cuidado ao compreender que o espírito humano é parte complementar ao corpo, ou seja, ele não é imagem, símbolo, ou máquina. Esse espírito é o *IN* do corpo material, sua i-matéria, contraparte complementar; encontro e aproximação do que é complexo.

Como será a fala do íntimo? A fala dessa i-máteria do corpo? Como serão suas palavras, seus sons? Que cor ela terá? O que significará? A Comunicação consegue alcançá-la para também ser ponte com essa parte? Absoluta falta de respostas. O íntimo não está no caminho das explanações. O íntimo está no próprio corpo, nos músculos tensionados, no calor que acalenta a pele, na carne do mundo. Retornemos ao corpo que rastreia, coleta impressões, marcas abertas no tempo e no espaço. Que possibilita o sentir para que consigamos ir além da lógica. Com o corpo conseguimos ir para o infinito, para o inexplicável. Apenas com ele e de fato, entregue a ele, conseguimos estar além.

> A carne é um peso difícil de se carregar, mas é difícil o que nos incumbiram; quase tudo o que é grave é difícil: e tudo é grave. Se chegar a reconhecer isto e a alcançar, - partindo de si, de sua inclinação e de sua maneira de ser, de sua experiência e infância – uma relação inteiramente sua (livre de convenções e costumes) com a carne, não mais deverá temer o perder-se e o tornar-se indigno de sua posse mais preciosa (RILKE, 1993, p.38)

A Experiência Insondável - Os Ins

Somos atravessados pelo Outro em um momento exato, em um instante oportuno. Nesses instantes o inexplicável, o inexistente, o inominável, o inaudito, o inefável, o indizível, o imensurável, o invisível, o impalpável, o infinito, o impossível, e tantos outros se tornam

nossos; únicos capazes de dar conta do que sentimos, do que vivenciamos em nossos corpos. E o que são os *Ins*? [3] Falar de todos esses impossíveis e impalpáveis é falar daquilo que não possui fronteira. O prefixo *IN* nos remete aos significados de movimento para dentro, pertença, passagem para um novo estado; é a aproximação de um complementar que está oculto.

"É um equívoco achar que IN é sempre contrário, "des", negação, este "contrário", na verdade, é a contraparte do sentido, ou a parte que está in-visível, mas que está lá" (CASTRO, 2015). "Parte que está in-visível mas que está lá", como a alma e o corpo, como ente e ser (HEIDEGGER, 2002), complementaridade que se desdobra em descoberta e retorno da experiência e autonomia do ser. O dicionário etimológico nos diz:

> De grande vitalidade na língua portuguesa, esse prefixo se documenta em inúmeros vocabulários nas seguintes acepções: movimento para dentro, introdução, direção, aproximação, passagem para um novo estado ou nova forma, deixo, provimento, acondicionamento, colocação, cobertura, proteção, defesa, revestimento. (CUNHA, 2013, p.353)

Todas suas significações remetem ao acolhimento, à possibilidade de transformação e de abertura. Tomemos aqui os INs como a linguagem de um Princípio Feminino, da indeterminação cativa e necessária, mas principalmente do pensamento inexato, uma possibilidade de meditação.

> Heidegger distingue: temos as ciências que calculam e temos as ciências que meditam. O pensamento meditante das ciências humanas e sociais, por exemplo, é necessário para que o homem permaneça atento e disponível para o homem. Disponível para tudo aquilo que se revela no âmbito da abertura. Ele insistirá, anos depois, no livro Serenidade (Gelassenheit, 1959) que o pensamento meditante (aguarda) na abertura o sentido.
> Este "aguardar" o resultado, bem próprio das ciências humanas e sociais, causa irritação e estranhamento às ciências exatas. As ciências inexatas não se utilizam do cálculo, mas da aproximação pela

[3] O estudo sobre o inexplicável, o inexistente, o inominável, o inaudito e o inefável é coordenando pelo professor Gustavo de Castro – UnB, e foi por ele citado durante o seminário "Pombagira - Matrizes do Feminino na Comunicação" realizado na Universidade Católica de Brasília no ano de 2014.

> meditação e, justamente por isso, creio, necessitam ser rigorosas. Trata-se de outra metodologia. À luz de Heidegger, direi que quando a humanidade está inteiramente voltada para o pensamento tecnológico, esquece o pensamento que sente e medita; esquece o pensamento mágico; esquece o "estar-em-jogo" próprio e dinâmico das coisas no mundo (CASTRO, 2015, p.2).

Quando Castro nos diz sobre um pensamento mágico, um pensamento capaz de aguardar, ele nos relembra o estado do IN. Estado em complementariedade com ações que abriga a meditação sobre o que não é possível calcular ou medir. Para a cultura oriental, especificamente o taoísmo, o *ying* e o *yang* representam a dualidade essencial. Forças tidas por opostas e complementares. Onde *ying* representa o princípio feminino, a água, a passividade, escuridão e absorção, o *yang* é o princípio masculino, o fogo, a luz e atividade. O *ying* é aquilo que não observamos, o desconhecido, aquilo que acolhe e absorve na escuridão, no que não está revelado, que permanece oculto. Em uma associação, nos aproximamos deste conceito para pensarmos os INs que as palavras nos apresentam. Porções escuras e desconhecidas de definições limitadas e claras. Entre tantas possibilidades que exemplificam este prefixo usaremos como caminho o trabalho com o *Insondável*.

O insondável é aquele que não calculamos, que não avaliamos, não conseguimos determinar sua profundidade de uma posição de mar, de oceano, rio... "Do francês *insondable*, sonda, *sonde*, derivado do anglo-saxão *sund* – mar" (CUNHA, 2003, p.606). Retornamos ciclicamente às águas e sua fluidez; à nossa relação de apreensão e aferição com o profundo, como em um abismo. Insondável pode ser a possibilidade de abertura em um estado de transformação. Como se calcula isso? Como determinamos o que é? Onde está? Não sabemos, mas pressentimos anterior ao cálculo. Pressentimos quando algo alcança este lugar de abismo, aberto, incalculável.

"Todas as ciências do espírito, até mesmo todas as ciências do vivente, tem de ser necessariamente inexatas, precisamente para permanecerem rigorosas" (HEIDEGGER apud CASTRO, 2015, p.1). A inexatidão nos furta a certeza simbólica do cálculo, da medida. Recuperemos Heidegger quando diz: "Temos as ciências que calculam e as ciências que meditam". Ser insondável é estar além do cálculo, é acolhê-lo e transformá-lo, tirar-lhe o

valor para alcançar o instante, o aguardar; como no círculo, onde seu valor inicial e final se perde e mistura-se como uma constatação inexata e infinita. Quantos pontos dentro de um círculo podem representar seu começo e seu fim? Quantas vezes o ser humano pode amar o outro? Quantas vezes pode ele se emocionar? Se traumatizar? Quantas lembranças poderá guardar? Quantos sonhos ter? Quais sensações sentir? E o que é cada possibilidade desta? Insondável é a resposta desse abismo.

Não existe fronteiras para o que não é. Ou melhor, o que não é aceita apenas como fronteira aquela pertencente ao que é. E o que é, já não está mais na natureza do IN., especialmente, traz a dificuldade do falar algo de forma concreta e lógica em que o próprio tema não se ajusta a fôrma solicitada. O estado está coberto pelo ser. Nosso espaço, o corpo, está coberto pelo ser, pela experiência de vida, pelos mistérios e angústias que pulsam. Isso nos constitui de maneira tão indubitável quanto nossa estrutura palpável, nossa confiança na carne. Não devemos negar os desassossegos do espírito perante as certezas da finitude do corpo. O escuro está ali, insondável, inviolável e solene, como o próprio Cosmos. Existimos. Vivemos o corpo e a alma cotidianamente. "Não se pode viver nem morrer em reservatórios superficiais. No emudecimento diante das imagens, há o prenúncio de algo que surge do 'mais íntimo' de uma virtualidade mediada: a absoluta falta de respostas" (KAMPER, prelo, p.24). O silêncio, a falta de respostas, estados que nos constituem.

No IN-sondável, esta pequena partícula antecessora (IN) nos entrega ao momento anterior da definição. No momento em que as coisas estão sem fronteiras, formando o círculo vasto da circunferência, a volta de 360º. In-sondável é aquilo que não se mede, é o que está fora do limite do cálculo e suas regras. Mas está lá, anterior e também constituidor como a própria possibilidade de existência, de nascimento para o mundo, quando tornar-se sondável. "Talvez não tenhas compreendido o que dissemos há pouco, que os nomes foram atribuídos às coisas precisamente por estarem em movimento e fluírem e se gerarem" (PLATÃO, 2001, p.83). A experiência com as coisas geram encontros, movimentos que as colocam em definições, nomes. Mas elas estão antes fluídicas, em um lugar de potência e possibilidade. Arrisco dizer que a reflexão sobre os INs nos faz retornar à verdade das coisas. Uma verdade

que quando dita, já não está mais lá, que não observamos, desconhecida, aquilo que acolhe e absorve na escuridão, no que não está revelado, nem calculável, que permanece oculta.

> Sócrates: Mas então, se podemos aprender muito sobre as coisas através dos nomes mas também através delas próprias, qual das aprendizagens é mais bela e mais precisa? Será aprender a partir da própria imagem, se for uma imagem adequada, aprendendo a verdade de que ela é imagem, ou aprender a partir da própria verdade, verificando se a sua imagem foi adequadamente produzida?
> Crátilo: Parece-me que é necessário que seja a partir da verdade.
> Sócrates: Saber de que maneira é necessário aprender ou descobrir os seres talvez seja demasiado, tanto para mim como para ti. Mas é desejável que tenhamos concordado nisto, que não é a partir dos nomes, mas muito mais em si e a partir de si mesmas que as coisas devem ser aprendidas e investigadas, do que a partir dos nomes (PLATÃO, 2001, p.123)

Sócrates nos fala da verdade das coisas, desta forma bela e precisa de vivenciá-las. Talvez, a mesma precisão e rigor propostos por Heidegger quando fala das ciências do espírito, "Todas as ciências do espírito, até mesmo todas as ciências do vivente, tem de ser necessariamente inexatas, precisamente para permanecerem rigorosas". Quando nos propomos a refletir sobre uma possibilidade de compreensão dos INs, estamos abertos ao encontro com a verdade das coisas, instante fugaz aos dedos do significado e extremamente subjetivo. Invocar o invisível, o impalpável, o indizível, o intocável, o infinito, o impossível, o insondável é uma forma de chamá-los, pedindo-lhes auxílio, proteção. Auxílio e proteção de quê? Talvez, da própria razão, para conseguirmos realizar este percurso do sem-chão.

> Quero falar, de um fundo irredutível. Como fazer isso? Como falar do que não pode ser designado? O inominável pode, porém, ser reconhecido. O contato com o inconcebível impõe, a quem o examine, uma figura sobressalente: a do protagonista dessa experiência. Indica esse protagonista como destinatário do esforço interpretativo, já que se aspira a expressar algo que o envolve, a ele, e a ninguém além dele. (KOVADLOFF, 1993, p.10)

São nossos pés que caminham pelo sem-chão, tentamos dar conta de uma experiência individual e inexprimível. Os INs podem ser a representação em forma de nome dessa incompreensão que nos habita, desta indeterminação sobre a verdade das coisas, deste giro

completo no círculo da circunferência. Eles são a pista dentro das palavras para a experiência que há milênios os seres humanos procuram dentro de si. Respostas para angústias primordiais. Rastros de um protagonismo inerente a cada um. Perguntas sem respostas, "Como falar do que não pode ser designado? O inominável pode, porém, ser reconhecido". Apenas isso... ser reconhecido.

Considerações Finais

Intuamos nosso percurso. Estamos a trabalhar um tema, cujas possibilidades de alcançarmos sua definição e compreensão dentro de um sistema lógico são praticamente nulas. Entretanto, estamos na busca do reconhecimento, da intuição, da religação com nossa capacidade de sondar e rastrear aquilo em que estamos contidos. Estamos atrás do que seria o lugar onde vivenciaremos a Comunicação do Sensível. Aqui a designação torna-se uma forma para mantermos diálogo. Principalmente, porque estabelecemos este diálogo pela escrita. Estamos na busca de algo que prescinda a premissa, que chegue na base do fundamento. Estamos atrás do que está, do ser que está antes do movimento, antes da definição. Daquilo que mora na invisibilidade, na infinitude, na impossibilidade. Nossa natureza ecoa por essas in-certezas. Heráclito já diria que "a natureza ama ocultar-se". E neste oculto buscamos os rastros do que somos.

Referências

CASTRO, Gustavo. Seminário Internacional Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2015.
CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.]
HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2002.
HERÁCLITO, de Éfeso. **Heráclito: fragmentos contextualizados**. Tradução, apresentação e comentários, Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus, 2012.
KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte - O sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...**. Trad. Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, [no prelo].
KOVADLOFF, Santiago. **O Silêncio Primordial**. Ensaios. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Piaget, 2001.
RILKE, Maria Rainer. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 1993.